

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Rodador principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 959

Sexta-feira, 6 de Janeiro de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º o Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tahabs-Lisboa # Telefones 5339-0

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Já estava escrito...

O actual chefe do governo convidou os directores dos organismos comerciais e industriais, com o fim de lhes propor a ideia da eleição ao futuro parlamento de representantes seus, encarregando um conhecido político de se entender com o que convencionaram chamar as forças produtoras da nação e que para nós são as forças do olho vivo.

E são, apenas, forças do olho vivo, porque sendo uma força resultante do usufruto da propriedade, da produção e dos instrumentos de trabalho, dispõem de condições especiais e únicas que lhes permitem montar-se sobre a carcassa do povo, espreitando sempre a ocasião para melhor o sugar pelos inúmeros tentáculos com que o enleiam, apertam e esmagam, agora e sempre, visto que é insaciável a sua cobiça e intensa a sua vontade de defender os seus privilégios de classe.

Dentro do regime burguês, a instituição parlamentar é um dos seus mais sólidos tentáculos sugadores, tenham ou não representação directa as forças do olho vivo, tam certo é do parlamento nada mais sair senão leis que, directa ou indirectamente, lhes permite conservar o seu negregado regime da produção e distribuição, sempre em condições onerosas para o povo que não dispõe de quaisquer meios de exploração.

E como, no dizer capcioso da imprensa interessada, vamos entrar numa nova fase do tranquilidade e do trabalho profícuo, as forças do olho vivo, que por uma ou por outra forma, sempre estiveram representadas no parlamento, vão agora possuir representação directa, por classe.

O caso não é novo. Já Sidonio Pais fez a experiência e todos podemos verificar quão amigos do desenvolvimento da produção foram esses preclaros representantes das «classes produtoras», nas horas vagas em que não empregavam o seu precioso tempo em conspirar contra as liberdades do povo soberano...

Mas com isto agora é outra coisa... como agora se vão especialmente dedicar ao «trabalho profícuo» do resurgimento da nacionalidade, da «pátria» pobretona, mas aguerrida, pode ser, é mesmo certo, que mirificas soluções vão aparecer.

A C. P., por exemplo, pela exposição do seu secretário, declara que o seu fim é estabelecer o equilíbrio entre o capital e o trabalho: harmonizar, canalizando-as para um com um objectivo de engrandecimento nacional, todas as forças produtoras do país.

Recusa, porém, tornar público o seu programa de ação, para não «inverno ao inimigo (isto é com o proletariado...)» preciosos elementos de ataque... Quem pode supor o que ai vem? Quem é capaz de prever as surpresas do dia de amanhã?... — exclama, recuso, o sr. secretário da Patronal.

Entretanto, entre hesitações e precações, vai indicando portadores do programa: prémios aos operários subversivos, a denúncia e perseguição aos indesejáveis — para maior glória da santa harmonia entre o capital e o trabalho...

Com a representação directa no parlamento das classes patronais, está-se a ver por que modo vai ser canalizada a sua ação.

Com efeito, é necessário ordem e trabalho, muito trabalho — por parte das classes operárias, que produzem, mas que não são consideradas produtoras... dentro da ordem, trabalhando como o sr. director da Associação Comercial dos Lojistas que, «em tempos», trabalhou das 7 até às 24 horas e que entende que no Parlamento devem tratar da magna questão do horário de trabalho, modificando-o, por que é mister trabalhar, mas trabalhar a valer.

E aquele sr. director, que vive do comércio; negociando e enriquecendo com o que não produziu, especulando, como todos os bons comerciantes e industriais, com a miséria dos que trabalham, encarendo a vida até ao extremo, o olho vivo sempre à espreita do enredo de cravar os tentáculos sugadores na carcassa do pobre povo famélico e escravo, que chore e se lamenta pelo imposto que paga destinado ao professorado — talvez por desejar que o mesmo morra de fome e a instrução se não espalhe entre o povo, para que nunca saiba conhecer a maneira de chamar a contas os causadores de tanto latrocínio — aquela sr. comerciante, repetimos, entende que o comércio pagará os seus encargos, mas exige que se trabalhe mais, muitos mais...

Assim, com tam «humanos» e «justicieros» intuições, se aprestam os representantes das «forças produtoras» para no Parlamento defender o ressurgimento da nacionalidade — por um acréscimo de sacrifício do proletariado, afim de continuarem gosando as delícias dos seus privilégios de casta.

Afinal, já não estranhamos. Pois que havia de esperar mais a classe operária?... Já estava escrito.

NOTAS & COMENTARIOS

Variações... O dr. José de Castro, interrogado por um jornalista sobre a actual situação política, declarou considerá-la uma embrulhada tremenda. Não se esqueceu, contudo, o doutor de recordar o velho hábito político de apresentar soluções — mesmo quando ninguém as pede. Desta vez apresentou uma e bem curiosa por sinal. Os governos, segundo o seu alvitre, seriam eleitos por plebiscito, excluído dele a massa do povo ignorante. A mesma massa de povo ignorante que nos tempos da propaganda republicana foi gratificada com o título pomposo de «povo soberano». Recorreu o doutor que era tenha perdido a crença nos políticos e nos governos por eles constituídos, que deliberasse votar contra eles?

Se esse é o receio do donotor, temos de concordar que ele é presidente.

A «massa ignorante» tem sido demasiado desprezada dos governos que seriam provavel que ela lhes voltasse, ruidosamente as costas no dia em que se apresentasse a chamá-la para os eleger.

Contraste Um membro do parlamento inglês, o coronel Hurst, discursando em Manchester, afirmou a necessidade da redução de impostos para que a vida não se tornasse difícil em Inglaterra.

O critério seguido neste país é diametralmente oposto. Os governos entendem que os únicos meios de indicar isto se consumstanciam no lançamento contínuo de impostos.

Aqui a mania de tributar a torto e a direito, exerceu-se extraordinariamente. A prática do sistema de dívidas tributárias ensina-nos a considerar

que a miséria cresce quando os impostos aumentam. Mesmo quando os impostos recaem sobre as forças vivas são sempre os consumidores que na realidade os pagam.

O imposto é um expediente que se abusou tanto que actualmente caiu no descrédito.

Conflito adiado... Lisboa deixou de estar cercada pelas forças militares. As que foram acampar fora da cidade recolheram aos quartéis e as que da província vieram guardaram apenas meios de condução para retirarem. O desfazer rápido e pacífico das forças militares causou engulhos a muitos e deixou quasi todos atacados de assombro. Então todo este movimento do exército não tinha um objectivo a executar? Desistiu de levar a cabo os seus desígnios? Pode já responder-se concretamente a estas duas interrogações. O movimento militar tinha objectivo e ainda não abdicou dele. Antes insiste teimosamente pela sua efetivação. De facto a maioria dos oficiais do exército que no movimento participaram tomou a deliberação de fazer efectivar as promessas do governo acerca da redução da guarda republicana. Não há motivo para os que amam a paz regressem à tranquilidade. O grande fim militar cujo desenrolar se esperava, não deixará de exhibir-se. Estas apenas adiada. Nada mais.

Permanece ainda o conflito entre a guarda republicana e o exército que cercou Lisboa. E disso são provas evidentes as prisões ontem efectuadas pelo major sr. Cortez e do general sr. Gomes da Costa, elementos em destaque no actual momento, respectivamente da guarda republicana e do exército.

VITIMAS DA EXPLOSÃO

Vê na segunda página o funeral das vítimas da explosão.

NA C. G. T. FRANCESA

A 2.ª sessão do congresso unitário. — A grande preocupação dos congressistas: evitar a scisão

As 14,30 é reaberta a sessão, ficando a mesma mesa que presidiu à sessão da manhã.

Monmousseau lembra as demarcações que se fizeram para que o Secretariado Confederal e a comissão administrativa convocassem um congresso extraordinário, todas sem resultado. A Comissão Administrativa recusou igualmente fazer-se representar neste congresso.

Quanto a receber a delegação, o *Peuple* diz que o Secretariado parte esta semana para Francfort...

Ultima démarche

Monmousseau le em seguida a seguinte resolução, apresentada pela comissão organizadora do congresso:

O congresso unitário, representante de 1.484 sindicatos confederados, pondera acima de todas as tendências, a preocupação de salvar a unidade sindical, é de parecer que as exclusões pronunciadas, por uma interpretação errada da resolução de Lille, arrastaram para a scisão a organização confederal.

Por outro lado considera que, por repetidas manifestações — congresso de maio de 1921, congresso de Lille, congresso extraordinário de novembro — a maioria dos sindicatos e dos sindicatos ferroviários se manifestaram publicamente contra a constituição do secretariado Montagne, que a C. G. T. apesar de tudo, reconheceu.

Sem atentar, um só instante, contra a missão que tem em vista — salvar a C. G. T. da scisão — o congresso pede a Com. Administrativa e o Secretariado Confederal que tomem as suas responsabilidades, dando a sua opinião — enquanto dura a segunda sessão — sobre a urgência da convocação dum congresso confederal extraordinário, tendo a Unidade Sindical como ordem de dia.

O congresso é de opinião que pode evitarse a scisão se a Com. Administrativa e o Secretariado Confederal se comprometerem a pôr a questão de confiança ao Comité Confederal Nacional assim convocado, garantindo ante elas:

1.º O abandono de todos os motivos que até hoje têm servido de base as exclusões;

2.º A reintegração de todos os excluídos;

3.º Reconhecimento da federação dos ferroviários, que agrupa a maioria dos sindicatos e dos sindicatos regularmente confederados na ocasião do Congresso de Lille;

4.º O respeito pela autonomia dos sindicatos no seio da C. G. T. assim como no seio dos organismos centrais;

5.º O funcionamento da comissão de fiscalização sobre a gestão confederal sobre a do *Peuple*, conforme foi resolvido em Lille.

Além disso o congresso é de opinião que o Comité Confederal Nacional, convocado urgentemente — até 15 de janeiro, o mais tardar — deverá ser composto de delegados de todas as Uniões e Federações regularmente confederadas na ocasião do congresso de Lille.

Deixando à Comissão Administrativa e ao Secretariado Confederal toda a responsabilidade da sua resposta, o Congresso Unitário nomeia o proletariado da sua attitud e declara-se solidário, com todas as exclusões pronunciadas contra os sindicatos e contra a Federação dos ferroviários que agrupa a maioria dos sindicatos e dos sindicatos.

Não temos a esperar que se deve falar humildemente mas sim com alguma razão, visto que a delegação representa a maioria da classe operária organizada.

Dejokière não espera nada da parte dos funcionários confederados. «Nada temos a esperar dessa gente, e não é possível aguardar até ao dia 15 de janeiro para tomar uma resolução, porque nos arriscamos a não ser compreendidos pelos sindicatos.

Talude diz que aída à C. G. T. seria a última concessão mas que não seja para fazer sancionar a nossa exclusão.

Herclet é partidário das concessões para salvar a unidade; entende que à cabeça dessas concessões deve ir a saída dos sindicatos dos C. S. R.

Mario Guillot tem instruções da U. D. de Saône-et-Loire e da Federação do Ensino, para pedir à C. G. T. a reunião imediata dum congresso confederal.

— Alguns delegados estão convencidos que o Secretariado e a C. A. não ligarão importância às decisões da maioria dos sindicatos; a responsabilidade será deles. A comissão organizadora reuniu o congresso para salvar a unidade; está portanto no seu poder apresentando aquela resolução.

Le Pou é de opinião que a delegação deve parir imediatamente e trazer da C. G. T. uma resposta, som tardar. Diz estar persuadido que a C. A. deseja a scisão, porque tem visto vários indícios importantes. Cita o facto de os delegados maioritários da Construção ao Comité Central Nacional, terem resolvido criar uma nova federação da Construção.

Aceta a delegação à C. G. T. mas não acredita que ela dê resultado, sobretudo depois da fuga dos funcionários de Francfort...

O delegado dos carpinteiros de ferro não é partidário de ir a Francfort...

Roje ve a causa da situação actual no centralismo e no funcionalismo.

Quando se disporão as autoridades a abrir as sedes dos organismos operários que há longos dias se encontram seladas?

¿No estará já suficientemente provado que não existe motivo que justifique tal encerramento?

¿O pretendem irritar os ânimos já bastante agitados?

CRÓNICAS DE HAMON

O IMPERIALISMO BRITANICO

Não deixa de ser um espectáculo dos mais interessantes aquela a que assistimos desde há três anos: a luta entre os capitalistas para explorar a humanidade, e sobretudo entre os dois grupos capitalistas: o Britânico e o Francês. Se é isto uma comédia muito interessante e atraente para as massas humanas se estas não servissem de joguetes — portanto de carne para canhão e sofrimentos — a estes inventados jogadores, que são todos aqueles que manejam milhões. A luta tem tido fases diversas.

Em novembro de 1918 a queda do imperialismo Alemão arrastava consigo a queda do respectivo capitalismo, como concorrente no mercado mundial.

E' crente vulgar que o poderio capitalista anda sempre ligado ao poderio imperialista. O exemplo da Alemanha parece confirmar esta tese, que não é entretanto a expressão da verdade. O poder capitalista é exterior ao poderio imperialista. Mas seja como for, a terminar a primeira parte da guerra mundial — pois é que ainda estamos nela — o capitalismo Britânico parecia ser o absoluto senhor. O capitalismo francês parecia dominado por ele, o capitalismo Americano calava-se, pelo menos debaixo do ponto de vista imperialista. Do imperialismo Japonês mal se falava

eram na sua maioria ideologos. Além disso eram novos — a média da idade dos dirigentes russos é menor que a dos dirigentes britânicos e franceses — e desejavam portanto triunfar sobre os velhos. E' a lei da vida e por isso triunfaram. Não se pode dizer que o seu triunfo fosse integralmente o da sua ideologia. A vida forçou-os a compromissos com o seu ideal. Uma nova sociedade não se cria, nem chega à idade adulta em alguns meses ou anos. Apesar de mitigado o seu triunfo forçaram entretanto o capitalismo Britânico a abandonar o seu sonho de possuir o Caucaso e a via de comunicação Báltico-Golfo Persico. Auxiliaram os nacionalistas turcos, agiram na Persia e em pouco tempo, em toda a Ásia, a política russa fez fracassar o imperialismo Britânico.

Contra este, no próprio seio do Império, se ergueram os nacionalismos, Irlandês, Egípcio e Índio. Ao mesmo tempo no Extremo Oriente, o capitalismo Japonês lutava por conta própria, para impôr a sua supremacia tanto na Sibéria como na China. Mas contra ela erguiam-se os nacionalismos Siberiano e Chinês, o bolxevismo Russo e o sindicalismo e o socialismo Japonês e por fim o seu direito concorrente: o capitalismo Americano.

A leitura das duas recentes obras do sr. Fleician Chalaye: *O China e o Japão Político* e *O Movimento Operário no Japão* esclarece todo este movimento do Extremo Oriente e mostra-nos como tudo o que se lá passa se vêm reflectir na Europa, em nossa própria casa. E' a lei constante da solidariedade.

O capitalismo Britânico que julgava ter ganho a partida, após a eliminação do seu direito concorrente antes da guerra, o capitalismo Alemão, apercebe-se então que o tinha perdido. Com a sua habilidade tradicional, mudou os fechos à trichadura. Abandonou a sua política anti-russa, tratou com os bolxeviques e com os irlandeses, estabeleceu negociações com os nacionalistas Egípcios, fez concessões à Índia. Apercebe-se que o desmoronar económico da Alemanha lhe era prejudicial e que tanto a sua indústria como o seu próprio comércio muito sofreram com isso. Mudou então a sua política em relação à Europa Central e fez de seu velho inimigo o capitalismo Alemão, o seu novo aliado, enquanto o capitalismo Francês se transformou no inimigo, que peleia sua parte fez todo o possível para conseguir este resultado.

Esta mutação política dos dirigentes britânicos desde final de 1918 mostra-nos a sua habilidade tática, e a sua capacidade de compromissários. Nela se nota o efeito dum influência muito curiosa: a dos desportos, a dos jogos. A resistência do britânico, exerce-se até ao máximo possível, antes de atingir o ponto de ruptura.

Nunca o britânico estiga a corda até esta se quebrar, e que regularmente faz o capitalista francês. Isto dá-se porque o capitalista francês, só se entrega a um único desporto: o da caça. Enquanto que o outro, se entrega mais ao desporto da pesca ao salmão: quando o animal é apinhado, é necessário apoderar-se do salmão, em que se quebra a corda, porque então o salmão escapa-se.

Faz-se a transposição destas duas diferentes táticas: a da caça e a da pesca para a ordem política e económica e técnicas: a explicação das diferenças de tática política dos dirigentes da Gran-Bretanha e dos de França e poderes prevê as linhas gerais da sua política.

UMA GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO

O funeral das vítimas da explosão

O operariado consciente afirmou ontem bem alto estar disposto a não deixar-se esmagar pela reacção.

Os jovens que pereceram não eram criminosos, eram defensores da liberdade!

Os funerais das vítimas da explosão humana. Foi o ambiente vicioso que a sociedade criou que lhes preparou a morte. É preciso acabar com a reacção vigilante, disposto não deixar perder para que ela não tornar a dar origem a mais liberdades que com sacrifícios sangrentos tem conquistado. Essa manifestação grandiosa de solidariedade que Lisboa ontem presenteou deixou atónitos aqueles reactionários e conservadores que pensavam que pelo facto da república estar caindo de pôr, de amor à liberdade e ao progresso das ideias encampadoras arrebataram no espírito revoltado do povo falmário.

O povo, acompanhando ontem até ao Alto de S. João os restos mortais dos camaradas Jaime de Figueiredo, Joaquim Estrela e Armando dos Santos, mostrou compreender que esses rapazes não se entregavam à tarefa de manipular bombas porque os animavam instintos preveros mas porque, amantes da liberdade, não queriam ficar de braços cruzados ante a ameaça reactionária que suspendeu sobre a cabeça de todos os avançados o seu cetro cruel.

Esse bloco de trabalhadores que, acompanhando os ferreiros, atravessou as ruas da capital, foi um aviso para a burguesia, um aviso claro para a reacção que imaginava que o espírito revolucionário adormecera.

O cortejo em marcha é uma manifestação grandiosa

Pelas 13 e meia horas, já nas ruas que circundam o edifício da Morgue, o movimento era desusado. De todas as direções chegavam grupos de trabalhadores que, animados dum ideal elevantado, dum ideal de liberdade ameaçado pelos manejos traiçoeiros dos conservadores, vinham cumprir o seu dever revolucionário, solidarizar-se moralmente com as vítimas.

Há uma certa agitação entre o povo. Discute-se em vários grupos a situação política, trocando-se ideias. Os jovens apregoam *O Despertar* que toda a gente compra e com prazer. Num prédio fronteira uma velhota com as lentes encavalhadas no nariz também leu *O Despertar*. Tem na face um ar de tristeza, contempla os retratos dos malogrados camaradas e passa de quando em quando um olhar bondoso pelas mil cabeças que se amontoam em baixo.

Finalmente pelas 14 horas o cortejo pôs-se em marcha. A frente das carroças, que bandeiras associativas cobram, seguem grandes grupos de operários formando alas e abrindo as largas fileiras corporativas.

O cortejo segue pela rua de S. Lazar, atravessa a rua da Palma desse pela Mouraria, a rua do Amparo, Rossio, sob a Avenida da Liberdade em direcção à Praça Marquês de Pombal.

Um incidente provocado pela polícia que quer apreender o «Despertar»

A meio da Avenida da Liberdade a multidão agitou-se de súbito. Houve correrias, gritos, atropelos. As carroças entretanto não se detinham.

Fomos saber do que se tratava.

Um grupo de polícias agitava-se entre os punhos cerrados do povo indignado.

Soubemos, então, que um polícia queria apreender um maço de exemplares do *Despertar*, ao que o operariado se opôs, iniciando-se assim o confronto.

As espadas andavam no ar, descarregando-se sobre as costas de alguns policiais que responderam à pedrada.

O polícia que mais se distinguiu na violência fugiu para uma travessa próxima perseguido por alguns operários, aos quais o primeiro ainda respondeu com dois tiros de revolver que não hingiram nenhuma.

O camaráda José Inácio, pintor, foi agredido com uma sabrada.

Serenados os ânimos o cortejo continuou sem incidente pelas avenidas novas até ao Alto de S. João, ouvindo-se mais alto o pregão do *Despertar*.

No cemitério do Alto de S. João alguns milhares de operários prestam homenagem aos três maiores grados camaradas

No cemitério as famílias dos falecidos choravam copiosamente, dando-se algumas massas comoventes à beira das caixas.

Alguns milhares de operários compromissem-se em torno das vítimas. Caminhava-se com dificuldade, a custo se respirava.

De súbito duma elevação de terreno a voz do camaráda Esteves, da Federação das Juventudes Sindicais, ecoou vibrante. Todas as cabeças se voltaram para ele. Esteves em breves palavras exalta o gesto dos camaradas que iam baixar às campas. Segue-se o sr. Henrique Martins Vaqueiro que, em nome dos revolucionários de 19 de Outubro presta homenagens aos nossos camaradas Armando dos Santos, Joaquim Estrela e Jaime de Figueiredo, dizendo que eles se preparam para dar combate à reacção que tem arrastado a república para a ruínas.

José Gordinho, do Núcleo de Juventude Sindicista de Setúbal, vem ali afirmar o amor que os jovens tem à liberdade e que os leva a com risco da própria vida preparar a defesa do povo. Os jovens estão dispostos a defendê-lo intrinsecamente as justas reivindicações humanas seja porque forma for.

Os camaradas cujos restos mortais acabamos de acompanhar — diz António Gomes Ribeiro, representante da União dos Sindicatos Operários de Lisboa — são eram heróicos como a imprensa venial lhes chamou. São mais três mártires que se sacrificaram pela liberdade da indústria Mobiliária do Pina e do Jor-

Página escolhida

Estímulos profissionais

Hoje pode-se considerar como suficientemente demonstrada a tese importissima de que a profissão e o modo de vida criam tipos especiais, como caracteres somáticos determinados, e, por vezes até, rigorosamente definíveis.

Há, na verdade, profissionais que não escapam a ninguém, ainda mesmo quando sujeitos a um exame muito rápido.

Não se confunde o colegial, pálido, olheirento, franzino, criado nas salas de estudo de maus colégios, viciado e gasto, com o pequeno, robusto, rijo e saudoso que vive em liberdade, que gasteze à escola para frequentar as aulas da Natureza, saltando os cômores, galgando o montado, trepando as arvores, aspirando bom ar, e exercitando-se no jôgo da pedra ou no ataque acidental e aventureiro das frutas e das vinhas.

Conhece-se bem o tipo do carniceiro, médico e sanguíneo, criado na atmosfera alimentícia do açougue.

Descobre-se à legião o carrejão, o caldeireiro, o remendão e o ferreiro.

E quem há af que ignore a influência que exerce no organismo, a posição forçada e viciosa, a vida sedentária, a má alimentação, a iluminação intensa e contínua, as grandes temperaturas, a aspiração de gases deletérios, ou de poeiras, e ainda tantas outras condições a que está sujeita a vida de um grande número de operários?

Não é até, porventura, um dos mais importantes ramos da Medicina, a higiene profissional?

Não é nas lojas mal iluminadas, onde vegeta, em geral, o tecelão, ou os licistas, relas de velhas ruas, que aparecem, mais frequentemente, escrofulosos?

Não há af, a cada passo, tanto defeituoso que deve apenas ao seu modo de vida, o aleijão que o deforma?

Não será do excesso do trabalho, das vigílias e dessa terrível vida de banca que exalta a sensibilidade, que fatiga o cérebro e que nos apressa o fim, que porvirão as doenças do estômago, as debilidades, as melancolias e as excitações nervosas que tanto apouquentam os intelectuais?

Não provirá também da iluminação intensa e contínua das forjas e dos fornos das fábricas de vidro, e da observação forçada e fatigante das máquinas de relógios e das joias a lapidar, a grande frequência de doces de olhos que se nota nos ferreiros, nos carpinteiros, suplementares?

E as doenças de peito, que tanto defetuosos que deve apenas ao seu modo de vida, o aleijão que o deforma?

Não será do excesso do trabalho, das vigílias e dessa terrível vida de banca que exalta a sensibilidade, que fatiga o cérebro e que nos apressa o fim, que porvirão as doenças do estômago, as debilidades, as melancolias e as excitações nervosas que tanto apouquentam os intelectuais?

Não provirá também da iluminação intensa e contínua das forjas e dos fornos das fábricas de vidro, e da observação forçada e fatigante das máquinas de relógios e das joias a lapidar, a grande frequência de doces de olhos que se nota nos ferreiros, nos carpinteiros, suplementares?

E o seguinte?

1.ª parte, — 1.º Schubert, «Rosamonde», abertura; 2.º Beethoven, «Allegro da 7.ª Sinfonia»; 3.º Debussy, «Petit Suite», instrumentação de Henri Busser — I «En Bateau»; II «Cortège»; III «Menuet»; IV «Balle».

2.ª parte, — 4.º Sibelius, «En Saga», poema sinfônico (1.ª audição em Portugal); 5.º Rymsky Korsakow, «Capricho Hespanhol»; a) «Alborada»; b) «Variazioni»; c) «Alborada»; d) «Scena e canto gitano»; e) «Fandango Asturiano». Todos estes números são executados sem interrupção.

3.ª parte, — 6.º Liszt, «Rapsodia Hungarica», em Ré; 7.º Oscar da Silva, «Dolorosa n.º 3», só corda (1.ª audição em Portugal); 8.º Wagner «Huldigungsmarck».

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadernadores e Anexos, Impresários Tipográficos, Chapeleiros de Lisboa, Compositores Tipográficos, Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Pão, Pessoal do Arsenal de Marinha e Corrida Nacional, Operários Corticeiros de Almada, Oficina Sindical dos Compositores Tipográficos Operários do Município de Lisboa, Ferrovários da C.P., Ferrovários do S. S., Correiros Pessoal da Imprensa Nacional, Pessoal do Arsenal do Exército, D. Domingos Manuel Vicente Cordeiro; vogal bibliotecário, Brás da Cruz Ramon Frazão; suplementares: Pedro Ferreira e Alfredo de Carvalho.

Conselho fiscal. — Efectivos: José Antunes, Jorge Basílio da Costa e Alexandre Filipe Setas. Suplementares: Manuel Eduardo de Figueiredo, João António Nunes Salgueiro e Francisco José da Silva.

Costa PEREIRA

Publicaremos críticas ou referências às obras de que nos enviarão dois volumes

Empregados do Comércio (Zona Sul), Sindicatos Únicos Metalúrgicos de Lisboa, Mobiliário do Pórtico, Mobiliário de Lisboa, Construção Civil, Conselho Civil de Almada, Associações de Classe da Construção Civil do Seixal, Empreendimentos, Escritórios, Inscritos Marítimos, Encadern

A BATALHA no Porto

povo do Pórtio é mais uma vez espoliado — Grita mas ninguém o ouve — Lá foi o tipo único — Resultado: pão a \$20 o quilo, potreia para os pobres e naturalmente as bichas...

PORTO, 4.-C.—Ontem, apesar de ser a prorrogação das festas do Ano Novo, intuitivamente, intimamente, a população citadina soltou um grito desesperado que lhe abalou a sua consciência de tristemente desaparecida: — Oh! da guardia Perdida nas trevas do abandono, tressalhada no labirinto trágico do desenho e da chacota, dos poderes constituidos, dos políticos agatados e das forças do *ócio vivo*, que não se deteem um momento na sua marcha célebre de rapina voraz, aquele brado, aquele clamor dilacerante, não trespassou os cérebros acordando os miolos, não penetrou, atravessando os peitos, nos corações, nem retumbou as almas *sentimentais* dos que apostaram reduzir à mais simples expressão de miséria e dor todo um povo que se encontra em palado no lanceiro gélido do mais atrevido saque mercantil da legalização vigente!... Ningém acode, os ouvidos estão de mais encerrados para que a vibrabilidade dos timpanos comunique com o bramir do pauperismo mortal...

E faltar!

Já dissemos que o ano novo, se entrara formoso do sol, vieria corrupto de propósitos, por fenômenos hereditários, atraindo-se logo para o leva arriba dos gêneros de primeira necessidade. E, como um mal nunca vem só, para que o risco não deixe de encarecer a sua filosofia da sabedoria das nações, não nos ficamos só com o agravamento do custo das couves, das batatas, do bacalhau, do arroz, ovos, carne, etc.; também o principal alimento dos camadas populares, o pão, deu um salto de orangotango para o galho da tareta.

Tanto correram e dansaram, que a Joaque conseguiu alcovitar a Autoridade que, por sua vez, concubinou com o Padeiro...

Ades tipo único de pão! Tanto trabalho desto para trair e assim morte, ingloriamente, nas mãos crispadas dos teus carrascos — os espediçadores... Oremos-lhe pela alma...

Como tudo está arrombado neste país, desde a Constituição ao caráter das criaturas, o decreto do tipo único de pão sofreu o derredor golpe... de misericórdia. Mais lhe valeu, visto que arrastava, infelizmente, uma vida artifical, fictícia... E' provável que não deixasse saudades a ninguém; mas quem lacrimejou de gaudio foram os padecidos e os moaçeiros.

Temos, portanto, como coisa nova, a liberdade do fabrico do pão de farinha flor, porque a Delegação dos Abastecimentos e o actual chefe do distrito chegam ao convencimento de que escasseou a farinha destinada à manipulação do tipo único, não sendo portanto, possível abastecer a cidade unicamente com aquela pão. Eis a magna razão! De maneira que temos, de hoje para diante, este resultado: o padeiro fabrica maior quantidade de pão fino e em muito menor quantidade o tipo unico, que também pode manipular, segundo a nota oficiosa do governo civil.

Como não abunda o último sistema de pão, uma grande parte das classes pobres ver-há impedita a recorrer ao pão fino, que vai ter o preço de \$20 o quilo, posto que o único custa \$90!

Negócios bem calculados. O pão fino só deve ser vendido nas padarias e nos domicílios, o pão grosso sómente nos estabelecimentos.

Se até aqui, só com o padrão do tipo único, o pão era pessimamente manipulado, zo que não será agora com a permissão das duas qualidades? Voltou-se à primeira forma, quanto à poltraria e possivelmente as bichas, quanto aos preços, isso é no que se avança aceleradamente... Não se recua, e em alguma coisa a república devia ser avançada.

Sendo assim, já não é preciso a fiscalização na moagem, nas padarias e nos cabazes das vendedeiras ambulantes, que também podem prescindir das balanças!

O povo gome, o povo resmunga, o povo vê o seu futuro negro como a noite mais calamitosa de procela — mas os altos dirigentes deste pagode nacional estão todos entretidos no moderno box da ordem! ordem!... para os outros, para que as bôsias alíneas sejam mais pacificamente evasivas.

Consta que vai ser erigida uma estátua à nova medida das autoridades, que tam relevantes serviços trouxe à população citadina...

Os carregadores e descarregadores de terra e mar ratificam a sua adesão à U. S. O. e C. G. T.—Termina o conflito havido naquela classe

Domingo pretérito, na sua respectiva associação de classe, reúniram em assembleia geral os carregadores e descarregadores de terra e mar do Porto e Gaia.

Lida e aprovada a acta, o princípio assunto a discutir foi se se devia ou não aquela classe desligar da organização geral, isto é, da U. S. O. e C. G. T., questão levantada esta a que já nos temos reportado em ocasiões devidas.

O debate entre os partidários da desligação e os defensores da organização geral, foi um pouco prolongado, em que os convidados opuseram os seus melhores argumentos.

Terminada a discussão, que desta vez correu com ordem, foi aprovada a seguinte moção de ratificação clara à U. S. O. e C. G. T., por uma esmagadora maioria de votos:

Considerando que a classe operária não pode defender os seus interesses morais, económicos e sociais se não estiver sólidamente organizada; considerando que os sindicatos operários, as Uniões de Sindicatos, as Federações de Indústria e a Confederação Geral do

por seu lado a Carris fez inserir nos jornais cão do burgo a seguinte nota oficiosa:

A Companhia é transiente — Vem sempre nos jornais, em nota oficiosa que a Companhia não concordou com as propostas feitas sobre anual.

A Câmara, por lei, o diretor de cobrar 25000 escudos; propõe a ex.º

Câmara, como que já determina, mas que só a Companhia nesta altura da questão possa facultar, a arbitragem.

A ex.º Câmara não concorda.

Mas a ex.º Câmara e o diretor receberam da governadoria a sua constatação para a reunião da comissão em que estavam representantes da Câmara e da Companhia em número igual, assistidos de autoridades superiores do distrito, Civil e Militar.

Reunião por esta forma a comissão, após demorada discussão, chegou a acordo

os delegados da Câmara e Companhia, da parte da autoridade salvo o parecer de que 19000 escudos eram necessários para satisfazer as reclamações do pessoal e evitar uma greve.

A Companhia no dia seguinte, mandou o bilhete a bilhete pelos 19000 escudos.

Em que é que a Companhia esteve intratigada?

Com que é que a Companhia não concordou?

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois, por sua vez, reunião em assembleia magna, e verificando estar a ser o bolo espalhado em toda esta questão resolvem retificar as reclamações já formuladas, editar um manifesto e conservar-se na expectativa até julgar oportunamente o momento de fazer prevailecer pelas forças essas reclamações.

Aguardemos, pois, os acontecimentos.

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Setúbal

4 DE JANEIRO

Organização operária

Encontram-se em greve os corteiros e os metalúrgicos desta cidade.

Foi reorganizada a Associação dos Sapateiros, sendo indigitados para os corpos gerentes os seguintes camaradas: Direcção — José Martins Ferreira, Manuel Francisco Pereira, António Henrique Pires, Alfredo Jaques e Veríssimo Gomes; Assembleia Geral — Joaquim Laranjeira, Joaquim Gonçalves Júnior e António J. Lúcio.

Retinu a Associação da Construção, resolvendo pedir aumento de salário, em face da actual situação em que se encontram os operários perante a carestia da vida.

Resolviu ainda enviar circulares aos patrões e mestres de obras no sentido de receberem uma resposta até sábado próximo das reclamações por esta classe.

Ficou convocada uma reunião para domingo, 8, às 13 horas.

Câmara Municipal

Esta câmara, que se mostra tanto pobrezinha e que emprega toda a resistência no sentido de não querer aumentar os operários, tem, no entanto, dinheiro para pagar beberetes a jornalistas...

A falta de água

Continua a sentir-se a falta de água nesta cidade, tendo a companhia feito distribuir um manifesto em que atribui alguns pontos responsabilidades à Câmara.

No entanto o povo de Setúbal é que não pode suportar por mais tempo a falta de água, seja a culpa da Companhia ou da Câmara.

Tem reunido os delegados das classes operárias no sentido de solucionarem as questões da água e da carestia da vida.

Será verdade?

Consta-nos que o sr. Trindade, director do "Setubalense", se recusa a publicar no seu jornal alguns relatos quando se prendem com a defesa dos trabalhadores.

Juventude Sindicalista

Reuniu este Núcleo, que, além de outros assuntos, resolveu enviar o camarada José Gordinho para representar este organismo no funeral dos três jovens vítimas da explosão da madrugada de 29 de Dezembro do ano findo.

Lastimou também a perda dos três jovens por constatar que eram energicos lutadores pela Liberdade do proletariado. — C.

Autópsias

Sob a presidência do juiz sr. Dr. Afonso da Cruz servindo de peritos os drs. drs. Ferreira Marques e Eduardo Neves efectua-se hoje a autópsia de José Joaquim, soldado da G. N. R. que há dias faleceu subitamente na estação do Entroncamento. O seu funeral efectua-se amanhã a hora ainda não determinada.

Em face disso o presidente dirige-se ao público pedindo ordem, muita ordem. Depois lhe um ofício dirigido pelo chefe do estado maior ao governador civil no qual aquela autoridade propõe o preço de 160\$00 para o bilhete do contrato. Declara que segundo lhe comunicara telefonicamente o governador civil, a Companhia não aceitará aquela plataforma.

Depois de várias leriás ditas por alguns vereadores o senado aprovou a seguinte proposta:

“O Senado Municipal do Porto, correspondendo aos desejos dos ex.ºs. srs. governador civil do Porto e chefe do Estado Maior, resolve dar à sua comissão poderes para aceitar a elevação a 135 escudos da sobra-taxa sobre o bilhete contratual de 25 escudos e para o ano de 1922, no caso de, desde já, a Companhia Carris de Ferro do Porto se comprometer a emitir assimessas bilhetes e com as condições que foram votadas nas sessões de 22 de Dezembro de 1920 e 3 de Janeiro de 1921 sobre esse assunto.”

Mais foi resolvido que no caso de a Carris não aceitar, desde já, conforme o espírito da proposta, aquela concessão tudo volte à primeira forma; isto é, a Câmara não consentir que a Companhia faça qualquer aumento sobre o nível de contrato.

Com estas resoluções terminou a sessão.

Considerando que a classe operária

não pode defender os seus interesses morais, económicos e sociais se não estiver sólidamente organizada; considerando que os sindicatos operários, as Uniões de Sindicatos, as Federações de Indústria e a Confederação Geral do

litorâneo, para muita gente aliás, a melhor ópera de Puccini é a Bohème, segundo-se-lhe na escala de crescente, a Tosca e a Manon Lescaut, isto é, querendo referirmo-nos às obras que andam mais em voga nos teatros mundiais. Com Puccini, porém, não se dá o que claramente vêmos em outros mímicos operistas, e que consiste na evolução que os seus processos de composição vão acentuando, à proporção que na sua arte, vai incluindo a característica imanente a outras produções, estabelecendo diferenças necessárias e marcando correções mais ou menos resultantes da marcha gradativa do sentimento e das normas que impõem a ascensão da técnica musical, no seu grau progressivo de perfeição.

Puccini é sempre o mesmo, ouve-se com prazer fácil, mas tanto se admira na sua personalidade na Tosca, como na Butterly. Até na mesma ópera se repetem constantemente. Há operetas alemãs e austriacas, com más músicas do que quase todas as obras de Puccini. A Madame Butterly que ontém a Companhia de S. Carlos exibiu, ainda que o seu desempenho estivesse acima do que é usual apreciar-se, não modificou, numa palavra ao menos, a nossa opinião, expressa nas considerações que fizemos. Isto não impede que registemos com prazer a limpeza com que a orquestra delineou algumas das frases de maior simplicidade melódica, e essas são que têm maior relevo dão à peça. Os violinos, com especialidade, deram em todo ela uma expressão de fugido encantado, que bem traduziu a galanteria das escenas que se desenvolviam diante de nós.

A soprano japonesa Teike Kinca, foi dumia deliciosa coqueteria, em toda a ópera, cantando sem esforço e representando orientalmente. O tenor Bagatello, muito bem, no seu aprimoramento, smorzando a primor. O barítono Dante Fontana, não produziu o Inferno, como o célebre autor da Divina Comédia; antes pelo contrário, foi extremamente harmonico e equilibrado de maneiras e de... notas musicais. A contralto Luisa Conde correspondeu gentilmente às exigências da sua parte, o mesmo sucedendo com Cecília Sturt.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Depois disso e sem que se saiba, a lei que autoriza o sr. gobernador civil mandou intimar o presidente administrador da Companhia para comparecer no Governo Civil, e logo a seguir o sr. comissário vinha buscar esse administrador para ouvir uma forma comunitária de conciliação.

Com isto não podia nem concordar a Companhia. — A administrado...

Ora como se verifica pelo confronto estabelecido entre a nota oficiosa da Carris e o que se passou na Câmara, o conselho de administração daquela pretende embruchar as autoridades, supondo fazê-lo com tanta facilidade como tem feito ao pessoal.

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,
para a agricultura
e para as colónias

Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descascos de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmica, conservas, fiação, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.

Lagares de azeite «PIETRO VERA».

Motores a gás pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».

Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Défaut» — Os tractores que obtiveram o 1º prémio e medalha de ouro no concurso de Lincoln em competição com 38 outros concorrentes.

Locomóveis, com fornalha própria para queimar lenha, «PAXMAN».

Motores a óleos pesados «DISESEL» e SEMI-DISESEL.

Jogos de debulha «PAXMAN».

Enfardeiras «STEPHENSON».

Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.

Cafeiras, gadanharias, «DEERING».

Respiradores e grades de dentes de mola.

Cultivadores e semeadoras «PLANET».

Corta-fenos simples e para ensilagem.

Trituradoras para rações e cereais.

Desintegradores «CARTER».

Bombas centrifugas, aspirante-prementes rotativas, Columbias, de jarrão e religios.

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazém não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.^{mos} clientes a visitar os nossos armazéns.

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L. da

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa LISBOA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiares de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

ARMAZEM APOLÔ

30, Rua do Amparo, 34

BARBEITOS 8 LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazém, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria



VÃO A' Sapataria S. Roque VER

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno
Bota branca, fórmula broa e americana, desde... 13\$75
Bota calif preta com solado de borracha, a..... 37\$00
Bota calif cor, fórmula moderna e broa..... 26\$00
Bota branca para rapaz..... 9\$00
Sapatinhos de verniz para criança à bebé, desde... 2\$50

Grande saldo

Boatas em calif pretas, botas calif cor, sapatos de verniz para homem tudo a..... 20\$00

Calçado de luxo

para homens, senhoras e crianças

Últimos modelos

Preços convidativos Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do Diário de Notícias.

Queiroz L.

L. Trindade Coelho, 17
(Antigo L. de S. Roque)

Queréis o vosso relógio concerto com garantia e por preço módico?

Levai-o ao

33 de S.º André

actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OURIVES

DE ALVES D'ANDRADE, L. da

A grande Baixa de Calçado

Sapataria Social Operária

Sapatos em calif-preto para senhora

11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas calif-preto grandaleno 21\$00

Boatas calif-preto com duas sojas

22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem

17\$00

Grande saldo de botas brancas

16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a..... 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra

Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Trabalhadores: Lede e propagai

A BATALHA

Tuberculose, la-
pus, cancro, anemia,
clorofanemia, fibrosas
brancas, lymphatis-
mo, rachitismo, es-
crophulas, crescimen-
to irregular, fashi-
o, más digestões,
azia, desarranjos da
nutrição, asthma,
bronchites crónicas,
gripe, bronco-pneu-
monias, escravos es-
pessos, pleurisias, fe-
bre, magreza, pa-
lidez, debilidade, pro-
tração física, esgotamento
de energias, fadiga cerebral, neu-
rastenia, desarranjos
nervosos, perdas se-
mineas, insomnias,
doenças mentais, sue-
res nocturnos, con-
valescença, definha-
mento resultante dos
desportos violentos,
falta de regularidade
nas menstruações



dez, debilidade, pro-
tração física, esgotamento
de energias, fadiga cerebral, neu-
rastenia, desarranjos
nervosos, perdas se-
mineas, insomnias,
doenças mentais, sue-
res nocturnos, con-
valescença, definha-
mento resultante dos
desportos violentos,
falta de regularidade
nas menstruações

HISTOGENOL NALINE com sello VITERI

que é o antigo HISTOGÉNE, aperfeiçoado pelo dr. A. Mouneyrat, da NALINE, no intuito de assegurar efeitos mais rápidos em qualquer das formas ELIXIR, GRANULADOS ou AMPOLAS. Pode usar-se com proveito em qualquer época do ano. SALVO INDICAÇÃO MÓDICA, USE DE PREFERÊNCIA O ELIXIR, que é a forma mais energética.

O vosso médico vos dirá que

••• É O MELHOR REVIGORADOR CONHECIDO •••
toda a gente tem um parente ou amigo que se curou com este prodigioso CREADOR DE SANGUE E DE MUSCULOS, o único que foi objecto de CINCO COMUNICAÇÕES A INSTITUTOS SCIENTÍFICOS DE FRANÇA e entre elas serviu a 2 actos de formatura.

Sempre que se precise PREPARAR O ORGANISMO PARA RESISTIR SEM DEFINIMENTO a marchas fatigantes, treinos de Sports violentos, longos estacionamentos em locais incômodos ou insalubres e climas adversos; ou onde se fique exposto a repetidos abalos ou a uma alimentação irregular, deve-se usar o HISTOGENOL NALINE COM SELLO VITERI em doses intensivas.

Sempre se procurou e em todos a parte IMITAR OU FALSIFICAR O HISTOGENOL NALINE COM SELLO VITERI. Nome rótulo e aspecto imitados em preparados que as análises apresentam como INGREDIENTES DE PERIGOSOS MICROBOS. SÓ CONSIDERE VERDADEIRO PARA A VENDA EM PORTUGAL E COLONIAS o que tiver bem visível no exterior da caixa: o selo dos concessionários para Portugal e Colônias, com a palavra VITERI a vermelho preto. Recusar o que pretendam vender sem essa garantia e pedir directamente ao

DEPOSITO CENTRAL

Venda ao PÚBLICO EM LISBOA
Frasco para 20 dias 16\$00
Meio frasco..... 8\$00
Para fora conta a parte, o porte e embalagem, registo e cobrança

— VENDA AO PÚBLICO EM LISBOA

Frasco para 20 dias 16\$00
Meio frasco..... 8\$00

Para fora conta a parte, o porte e embalagem, registo e cobrança

Ninguem segure prédios ou mobiliárias contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PÓRTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1º

A Mundial, de acordo com um fortíssimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus seguros que DESAFIAM TODA A CONCORRÊNCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCÊNDIO E ROUBO numa só apólice.

••• AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS •••

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.

PREÇO \$40

O Processo do Chauffeur

Pelo advogado BERNARDO LUCAS com uma carta-prefácio da Ex.º Sr. D. Maria Adelaida Coelho

Este livro trata da acção promovida pelo sr. dr. Alfredo da Cunha contra o chauffeur Manuel Claro, vítima dum infame perseguição.

Pedidos à administração de A Batalha acompanhados da respectiva importânciâ.

Preço 2\$00 — Pelo correio, 2\$20

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55. (Tabacaria do isqueiro á porta.)

CALÇADO PARA CRIANÇA (para todas as idades)

Botas pretas, vitela, desde..... 9\$50

Sapatos pretos..... 7\$00

Boato sorrido em calçado de cér

CALÇADO PARA SENHORA

Sapatos de pelica, desde..... 11\$00

• vitela, 2.º desde..... 12\$50

• verniz..... 15\$00

Grande variedade em calçado da Moda

CALÇADO PARA HOMEM

Boatas brancas, vitela, desde..... 15\$00

• calif,..... 21\$00

Calçado de luxo

Boato agasalho, muito barato

Grande Armazém de Calçado

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

Encontra-se à venda na administração de A Batalha o n.º 2 desta revista

Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85

NO PORTO: R. da Nova Alfândega 34

Já se encontra à venda na administração de A Batalha o n.º 2 desta revista

Companhia Nacional de Navegação